

Um estudo sobre Júlio Pomar de Ernesto de Sousa

Na colecção «Contemporânea» da Aris, que reúne estudos sobre Mário Eloy, Abel Manta, Alvarez, Vieira da Silva, Carlos Botelho, Amadeo Tagarro e a pintura abstracta portuguesa, foi publicado um ensaio de Ernesto de Sousa sobre Julio Pomar. Com reproduções de dezotto obras, «Farrapeira», «Almoço do tróvão», «Meninos no jardim» (colorida), «Na estrada de Aveiros», «Cielo do arroz — I», «Circos», «Maria da Fontes», «Lota», «Cena no cais», «Os cegos de Madrid», «Ponte da telha», «O carro das mulhas» (colorida), «Cena na praia», «Dulcineia», «O carro dos cómicos» e «O estaleiro», o ensaio situa Julio Pomar na arte portuguesa do nosso tempo. No final do estudo, Ernesto de Sousa escreve:

«Todas as dificuldades, condições e virtudes que expusemos para o realismo, se aplicam a Julio Pomar. Um grande artista não é só aquele que exprime, mas também aquele que propõe. Esta apresentação não é uma apologia, mas uma forma de luta. Só a luta enriquece e enobrecer — ainda que seja a luta de Jacob e o Anjo, a minha luta com aquilo que me apaixonou. Uma pintura como «O Estaleiro» contaria-se entre os objectos mais bellos desta minha terra, do Pintor, da Arte Portuguesa; uma reivindicação de grandeza... Mas o que propõe determinadamente, para além dum espaço plástico e duma hipótese de movimento — eis a pergunta a que só o futuro responderá cabalmente. Pergunta feita com paixão e «ao rosto vulgar dos dias», porque ainda, como o Poeta, sabemos que continuam.

Monstros e homens lado a lado, não dá margem, mas na própria vida.

Antes de saber a resposta, julgamos poder esperar que esta pintura seja o começo dele; que o caminho está aberto para negar a negação; para compreender os maiores horizontes que o realismo pode rasgar num evolucionário, servindo-se da própria alienação. E com esta, devolver as perguntas ao espectador. Ao responder, ele intervirá activamente no espectáculo, de um modo ou de outro modo; será o diálogo.



«O Estaleiro», painel que Julio Pomar executou para a Companhia Colonial de Navegação



Us romancistas soviéticos mais notáveis ganham 3000 rublos por mês

A «Literaturnaia Gazeta» de Moscovo, num dos seus numeros recentes, publicou um longo artigo para demonstrar que, ao contrário do que se julga no Occidente, os escritores soviéticos não têm ordenados fabulosos. «Na verdade, afirma a «Literaturnaia Gazeta», apenas 3,7% dos romancistas e dramaturgos soviéticos ganham mais de 3000 rublos por mês (o salário de um engenheiro relativamente qualificado; o do operário médio é de 800 rublos).

vida literária

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» NUMERO 128

os nossos contos

Breve história de um senhor de engenho

Texto de ROCHA FILHO

Ilustração de LUIS JARDIM

— Coronel Mariz! Coronel Mariz!
Era uma linda manhã de sábado, cheia de sol, e o coronel Mariz ia contente, na sua bela montada, a caminho da vila. Sábado era dia de feira, dia de rever amigos e conhecidos, de fazer ou entabular negócios. Mas o sábado tinha, além desses, um sentido todo especial para ele — era dia de encontrar-se com a Mira, uma bonita moça de dezoito anos, que estava sob a sua protecção havia mais de seis meses.

— Coronel Mariz! Coronel Mariz!
— Fala, caboclo! Que desaja?
— Eshafarido, pela carreira que dera, o pobre homem mal podia falar. Com o chapéu de palha na mão, os olhos baixos, gaguejava de maneira a não se entender.

— Que houve? Fala de vez! — disse o coronel já irritado, pensando estar a perder tempo, enquanto a Mira o esperava.

— Seu coronel, me desculpe, mas aconteceu uma desgraça... O seu Joventino, delegado, foi quem me mandou avisar... Mataram a moça... Uma desgraça!

— Que moça?
— A moça... A D. Belmira... O coronel teve um estremeção, mas a dúvida ainda pairou no seu espirito — dúvida ou desejo de que houvesse enganado — e perguntou, com voz calma, disfarçando o sofrimento:

— Que Belmira?
— A moça, seu coronel... A sua moça... Ficou estático, por alguns instantes, á procura de uma decisão. Fora ferido no seu orgulho de proprietário, de senhor de engenho, acostumado ao mando e ao respeito; desbaratara-lhe a moça sua, uma parcela dos seus bens. Fora roubado nos seus pertences, e o caso exigia uma reparação. Fingindo serenidade, indagou novamente:

— Prendaram o criminoso?
— Apenas um... O outro fugiu...
— Está bem! Estou ciente! Vou falar imediatamente com o Joventino.

— Enquanto cavalgava, fazia conjecturas. De onde partira aquilo tudo? O crime fora cometido por dois; não podia ser, portanto, um crime passionnal. Devia ser vingança. E vingança terrível, marcada por poderosos inimigos. De saída, pensou no coronel Saldanha, senhor do «Muriquiu». Tivera com o mesmo vários incidentes, por questões de

limites de terras. Certa vez, fora obrigado a dar uma surra num dos seus «cabanos», que estava a contar loras na porta do barracão do seu engenho. Em revide, o Saldanha mandara matar um de seus trabalhadores. Porém as coisas não pararam aí. Na primeira oportunidade, invadiu a propriedade do inimigo, tocou fogo no seu canavial. De refrega, saíram vários mortos e feridos. Mas a maioria estava do lado de lá.

Saldanha danara-se, mas nada fizera. Houve intervenção de amigos, inclusive do governador do Estado, que era seu correligionário. O Saldanha e ele foram chamados ao Palácio. Depois de escutá-los, o governador, que era jovem e destemido — um homem de sangue nas veias, ameaçou metê-los na cadeia, caso não cessassem com as brigas. E as brigas cessaram em todo o Estado, que

(Continua na página seguinte)

A «História da Arte Portuguesa» de Reynaldo dos Santos editada em Espanha

Constitui excepcional consagração da cultura portuguesa contemporânea, não só pelo intrínseco valor da obra como pela projecção internacional que a vai assinalar, a edição pela Labor, do relevante estudo de Reynaldo dos Santos «História da Arte Portuguesa». Fruto de um trabalho de investigação aturada e profundo, servido por inteligência penetrante e por uma arte esplendida de escritor, este volume condensa na sua ampla estrutura o mais completo panorama documental e crítico que se levou a cabo até hoje sobre a criação plástica em Portugal. E, na verdade, uma obra empolgante pela grandeza das proporções e pela personalidade inconfundível dos critérios, original no contexto, elegantíssima na forma, largamente ilustrada e de equilíbrio magistral na apresentação gráfica.

«Pode-se discordar — e não falta quem discorde — certamente — das opiniões de Reynaldo dos Santos sobre o nosso património artístico e a sua história, em tantos passos

(Continua na 20.ª página)

Dois jovens poetas



Manuel de Castro e Henrique Tavares

MANUEL DE CASTRO:

— Utilizei algumas descobertas surrealistas para benefício de uma expressão poética.

Manuel de Castro, autor do «Paralelo W» e da «Estrela Rutilante» livros de poesia cuja repercussão ainda é cedo para prever, pela transcendente proposta para o futuro que nos apresenta é um poeta cuja actualidade está bem expressa na atitude de crítica pessoal que nos revela. Colaborador dos Cadernos Literários «Pirâmide» e em várias revistas literárias responde agora a algumas perguntas sobre a posição da crítica em Portugal em relação á poesia.

— Qual o motivo que levou alguns críticos de poesia a classificá-lo como surrealista?
— Creio que devido a um desconhecimento quase total dos processos e das intenções do movimento surrealista por parte dos críticos

(Continua na 20.ª página)

HENRIQUE TAVARES:

— Não pode existir «grande» pintura sem existir «grande» poesia

Henrique Tavares é um poeta de génese. A sua inegável qualificação não caiu do céu — brotou, sem qualquer dúvida, da poderosa reivindicação poética do testemunho que já escreveu, este ou não totalmente publicado. As palavras que colhem numa breve conversação, marca a lucidez de que é dono, lucidez que desmente o hermético e o ininteligível, que alguns quiseram ver nos seus versos.

Perguntámos ao poeta, por uma causa fundamental na iniciativa de consumir uma obra como o seu ultimo livro publicado.

— Ao escrever os «Livros Sibillinos da Lusitânia» entendi-se que não procurei assumir uma posição de poder no panorama da poesia portuguesa contemporânea mas li-

(Continua na 20.ª página)

FEIRA DAS VAIDADES

A tradução

de ARTUR PORTELA FILHO

A lentidão melancólica mas conformada do ritmo das traduções do pós-guerra era positiva na medida em que respondia ao interesse do publico. O caudal acentuado, passou a fronteira do interesse e converteu-se num elemento de indisciplina cultural. Excedendo largamente o publico, no seu interesse, na sua possibilidade de compra, mesmo no tempo disponível para a leitura, a corrente submergiu, na indecisão que a quantidade provoca, no caos de uma leitura zigzagante, estilhacada, abrupta. Por outro lado, cria a atmosfera propícia á tradução desnecessária, injusta, negativa. Desordem da própria vida literária, se quisermos, que o leitor deve enfrentar e entender, mas não o nosso, mal preparado e excessivamente ambicioso, num ecletismo total, elástico, de cauchu.

O livro português contra-ataca. O influxo processa-se num sentido de fora para dentro mas abre uma via, organiza um sistema arterial, que pode ser aproveitado, nas horas de movimento menor ou nulo, ao contrário. As editoras portu-

(Continua na página seguinte)